



AS VEIAS DO COLONIALISMO IMPERIALISTA E ANTICOLONISMO EM O CORAÇÃO DAS TREVAS DE JOSEPH CONRAD

Lucimar Pereira de Oliveira
SEDUC/RO

E-mail: lucimarperol@hotmail.com

Resumo: Considerada uma das obras mais perturbadoras e inquietantes legadas do último centenário, o romance *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, suscita inúmeras controvérsias ao fecundo campo da crítica literária, como sendo uma exprobração ao imperialismo colonial na África ou a visão racista sobre o continente africano. Esta investigação tem o escopo de obter argumentos que corroborem com a opinião de que este romance é, sem dúvida, ao mesmo tempo, uma revelação da face oculta do colonialismo imperialista perverso e das insondáveis e sombrias profundezas da alma humana, denunciando a barbárie da ação colonizadora, sobretudo, no Congo, a fim de contribuir com a discussão sobre as implicações e marcas indelévels da dominação europeia para os povos colonizados. Será desenvolvida à luz dessa novela do polonês naturalizado britânico, com embasamento teórico-crítico de Edward Said, Frantz Fanon, Walter Benjamin, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Chinua Achebe, dentre outros. Por intermédio de averiguação bibliográfica, através da análise de proposições e críticas compatíveis com o estudo do objeto literário, evidenciadas no romance, com vistas à elaboração de texto dissertativo. Entretanto, a pesquisa não visa a exaurir o tema, o que seria inexecutável, perante a sua magnitude, mas, por outro lado, despertara maior anseio e curiosidade para novas averiguações sobre tal assunto.

Palavras-chave: Imperialismo, trevas. África. selva. horror

Abstract: Considered one of the most disturbing and troubling legacy of the last centenary works, the novel *Heart of Darkness*, Joseph Conrad, raises many controversies fertile field of literary criticism, as a reproach to colonial imperialism in Africa or racist views about the African continent. This research has the scope to get arguments corroborating the view that this novel is undoubtedly the same time, a revelation of the hidden face of evil imperialist colonialism and unfathomable and gloomy depths of the human soul, denouncing the action of barbarism colonizing, especially in the Congo in order to contribute to the discussion on the implications and indelible marks of European domination to the colonized peoples. Will be developed in the light of this Polish-born British novel, with theoretical and critical foundations of Edward Said, Frantz Fanon, Walter Benjamin, Eni Orlandi Lourdes Puccinelli, Chinua Achebe, among others. Through literature investigation, through the analysis of propositions and critical compatible with the study of the literary object, evidenced in the novel, with a view to the elaboration of argumentative text. However, research does not aim to exhaust the subject, which would be unworkable, given its magnitude, but on the other hand, aroused greater longing and curiosity for further inquiries on this subject.

Keywords: Imperialism, darkness, Africa, jungle, horror

Introdução

“A conquista da terra, o que geralmente significa tomá-la daqueles que têm fisionomias distintas ou narizes ligeiramente mais achatados do que os nossos, não é algo belo quando examinado mais de perto” (CONRAD, 2006, p. 27).

O diálogo acima é de Charlie Marlow, narrador escolhido por Joseph Conrad para conduzir o leitor em *O Coração das Trevas*, publicado pela primeira vez em 1902, por Józef Teodor Nalecz Korzeniowski, conhecido como Joseph Conrad, nascido em 1857, na Polônia, naturalizado britânico, considerado, seguramente, o seu mais célebre romance, que tem como temas centrais a criminalidade, a ineficácia e o egoísmo no processo de civilização na África. É considerada pela crítica internacional uma das mais importantes obras da literatura moderna. O personagem Charlie Marlow, um homem do mar, narrando suas memórias a seus companheiros de embarcação, enquanto aguardam a próxima maré vazante para descerem o rio. Narra uma viagem em um grande rio nas profundezas de uma selva primitiva, que é, à primeira vista, a decadência moral e física de um indivíduo nesta floresta, que em dado momento, ele chamou de "bosque da morte", contada por outro homem enviado para encontrá-lo. Trata-se de uma das visões mais sombrias da literatura contemporânea. Em sua viagem pelo coração sombrio da selva africana, a missão de Marlow é trazer de volta Kurtz, um mercador de marfim, cujos métodos passam a desagradar a companhia mercante que o contratou.

Colonialismo e Anticolonialismo

O narrador de Conrad apregoa sua visão, numa leitura historicista, um intenso julgamento ao imperialismo colonialista, "Eu via chegar o momento em que seria deixado sozinho no grupo do 'método insano'". Joseph constrói uma narrativa simbólica com uma história dentro da própria história, sendo assunto de diversos estudos e, ainda acendeu inúmeras críticas. A começar pela leitura das atrocidades do colonialismo perverso, que pode ser confirmada de maneira recorrente na novela em análise. Mesmo levando em conta as severas críticas de Chinua Achebe, escritor

nigeriano, romancista, poeta, crítico literário e um dos autores africanos mais conhecidos do século XX, atribuídas a Conrad, acusando-o de não dar voz ao povo africano em seus romances e de este romance ser uma produção extremamente racista, afirmando que a obra projeta a representação da África como outro mundo, oposto do continente europeu, e posteriores julgamentos da visão imperialista e anti-imperialista, uma vez que o criador polonês estava imbuído dos preconceitos de seu tempo, não se pode negar a preciosidade de O Coração das Trevas.

O nigeriano acredita que a verdadeira questão é a desumanização da África e dos africanos que esta secular atitude promoveu e persiste a promover em todo o mundo. No entanto, o romance não pode ser considerado uma grande obra de arte, vez que celebra esta desumanização, que despersonaliza uma parte da raça humana. Para ele, Joseph Conrad era um racista perfeito. Assim, sua crítica transpõe o limite do texto. Afirma que esta verdade simples é encoberta em julgamentos de seu trabalho e deve-se ao fato de que o segregacionismo branco contra a África seja um modo natural de pensar e que as suas manifestações são, totalmente, despercebidas. Ainda, que o ponto de partida da história é para achincalhar a missão civilizadora da Europa na África.

Considerando que a Inglaterra foi uma das potências capitalistas que, no século XIX, implantaram o neocolonialismo, com o objetivo de explorar a economia e a política do território. Sem perder de vista que a escravidão encontrava-se em uma conjuntura pouco lucrativa, os ingleses volveram-se para a exportação de marfim, ouro, animais, tapetes entre outros. De modo, que o comércio africano ficara subjugado ao Império Britânico e o povo nativo dominado, à base da opressão e brutalidade, tornara-se mão de obra barata. Notadamente, uma das fundamentais denúncias assinaladas pelo romancista na novela, conforme texto que segue:

Seis negros avançavam enfileirados, esforçando-se para subir a trilha. Eles andavam eretos e vagarosos, equilibrando pequenas cestas cheias de terra sobre a cabeça, e o tilintar marcava o ritmo de seus passos. Trapos pretos estavam dispostos em torno de seus lombos, e as curtas pontas atrás balançavam para lá e para cá como se fossem caudas. Via-se cada uma de suas costelas, as juntas de seus membros assemelhavam-se aos nós de uma corda; cada um levava uma argola de ferro no pescoço, e estavam todos atados entre si por uma corrente, cujos elos oscilavam entre eles, produzindo aquele som

ritmado. (...) Eram chamados de criminosos, e a lei, ultrajada, assim como aqueles canhões explosivos, tinha chegado até eles, como um enigma indecifrável vindo do oceano. (CONRAD, 2006, p.38-39)

Para Chinua Achebe, *O Coração das Trevas* apresenta um amplo estranhamento entre os europeus e africanos. Tal distinção entre duas culturas é algo trivial, entretanto, o romance aponta mais do que um estranhamento entre o personagem principal e a exploração e selvageria utilizadas contra os africanos. Acontecimento que, conseqüentemente, conduz o leitor a uma provável meditação, que se supõe ser o objetivo de Conrad. De maneira que, além de uma característica racista que possa ser atribuída ao personagem Marlow, *narrador ficcional*, o escopo derradeiro do romance pode não ser as relações interiores entre os personagens, e sim a relação externa entre a obra e o leitor, e neste ponto, Conrad utiliza o livro como um mecanismo de denúncia. Isso, sem considerar a crítica final estabelecida sobre a figura de Kurtz.

Segundo Achebe, embora, Joseph Conrad não seja inteiramente culpado pela sua imagem xenofóbica do continente africano, seu romance segue eternizando estereótipos prejudiciais para os homens negros, em virtude de sua inserção no cânone literário do mundo ocidental moderno.

Edwar Said, pesquisador norte-americano, descendente de árabes, autor de *Cultura e Imperialismo*, *Orientalismo - O Oriente como Invenção do Ocidente*, que lhe deu fama internacional, dentre outras obras, crítico literário, tinha Joseph Conrad como um de seus escritores prediletos, defendia que o discurso característico da cultura do ocidente enquanto tal havia assinalado o Oriente como o Outro civilizacional, temível e subjugado. De certa maneira, essa dialética contribuiria, significativamente, para a formação da cultura europeia. Deste modo, o negro africano, o indiano e ainda o branco irlandês eram considerados não somente dessemelhantes, mas como total negação do branco europeu. Said, então, amplia sua tese, tentando compreender, até que ponto, uma obra como *O Coração das Trevas*, consciente ou inconscientemente, colaborara para a disseminação dos pressupostos colonialistas. E, para corroborar com esta discussão, aludimos a Marcos Costa Lima, em trabalho intitulado *O Humanismo Crítico de Edward W. Said*, publicado em *Lua Nova*, São Paulo, 73: 71-94, 2008, o qual afirma que:

em *Heart of Darkness*, para Conrad a própria imagem das trevas está associada à imagem revertida do eurocentrismo como luz, a um projeto civilizador. Ele não podia admitir que os nativos pudessem ser livres da dominação europeia e esta compreensão está associada ao personagem Kurtz quando, em momento de fúria e loucura, ordena: 'exterminem todos os bárbaros!'

Said estende suas ponderações sobre o romance de Conrad afirmando:

Portanto, não é paradoxal que Conrad fosse imperialista e anti-imperialista: progressista quando se tratava de apresentar com destemor e pessimismo a corrupção autoconfirmadora e autoenganosa do domínio ultramarino; profundamente reacionário quando se trata de conceber que a África ou a América do Sul pudesse algum dia ter uma história ou uma cultura independentes, que os imperialistas abalaram, violentamente, mas pela qual foram afinal, derrotados. (SAID, 2005, p. 19).

Há que se admitir que a elaborada ponderação de Said ao imperialismo colonial corrobora, sobremaneira, com o escopo deste estudo, tendo em vista sua notável crítica à obra de Joseph Conrad, especialmente, à novela *O Coração das Trevas*, considerando que, o crítico incorpora a visão da cultura como processo e não como instância fixa definida por instituições ou formações sem movimento, de modo que, a mesma pode se reproduzir ou ser questionada por ações nas margens e por elementos emergentes.

Assim, percebe-se uma ironia amarga pela voz do narrador, logo no início do primeiro capítulo do romance na denúncia irracionalista do colonialismo, quando situa o leitor, convidando-o à viagem ao que Charlie Marlow denominou "um dos lugares sombrios da terra", chamando a atenção para as atrocidades presenciadas no Congo, no coração da floresta africana, explorando o mito do colonialismo perverso, como se tivesse viajando para dentro de sua própria mente.

Haviam zarpado de Deptford, de Greenwich, de Erith - os aventureiros e os colonizadores; navios reais e navios de comerciantes; capitães, almirantes, os tenebrosos intrusos do comércio Oriental, e os "generais" comissionados das frotas das Índias Orientais. Caçando tesouros ou buscando a notoriedade, todos eles haviam partido naquele rio, carregando suas espadas e frequentemente a tocha, mensageiros dos poderosos em meio às terras, portadores da chama do fogo sagrado. Que grandezas não haviam navegado em suas correntezas, até alcançar os mistérios de uma terra desconhecida! Os

sonhos dos homens, a semente dos estados, o germe dos impérios.
(CONRAD, 2006, p. 25).

Nos seguintes episódios narrados pelo protagonista: “À esquerda, um grupo de árvores criava um oásis de sombra, onde coisas escuras se moviam com debilidade.”, “Vultos negros agachados jaziam sentados entre as árvores” (CONRAD, 2006, p.38-40) e “e, como por encanto, rios de seres humanos - seres humanos nus - com lanças nas mãos, com arcos, com escudos, com olhares e movimentos selvagens, derramaram-se na clareira pela floresta sombreada e pensativa.” (CONRAD, 2006, p. 95), há uma constante desumanização dos negros, o que é recorrente na narrativa, sugerindo que a obra denota a construção de uma imagem de mente fechada dos colonialistas, em que a instituição do colonialismo é tida como um demônio míope, débil e fingido. Colonizar e cristianizar são um fardo dos brancos – “... um jovem negro de peito aberto, trajando, rigorosamente, um uniforme azul escuro com franjas, com narinas ameaçadoras e com seu cabelo artesanalmente penteado com anezinhos lubrificandos, erguia-se ao meu lado.” (CONRAD, 2006, p. 71).

A história apresenta uma visível amargura característica em Charlie Marlow, narrador personagem, ao descrever suas memórias, justificando seu inatingível abalo físico emocional, diante do colonialismo oblíquo presenciado em sua odisséia pelo Congo, além de evocar analogamente a África com o universo interior do ser humano, um drama da destruição moral imerso na selva africana. Além de todos os percalços relacionados ao clima e a precariedade de condições, Marlow expôs, no seu relato toda a degradação humana presenciada naquela experiência, não apenas na forma cruel com que os nativos eram tratados, como pela corrupção dos europeus diante da ganância pelo marfim. Ao descrever a cobiça pelo marfim, cada vez mais marfim, não só da parte de Kurtz, mas da própria corporação belga para a qual este comercializava, ele recriminava de maneira habilidosa, os colonizadores. Ainda, aponta desse jeito tênue, o insignificante valor da vida selvagem, os animais (elefantes) que eram abatidos, sem a mínima compaixão, para lhes cortarem as presas. O representante maior dessa degradação é o Sr. Kurtz, um homem com elevados ideais que, ao chegar ao Congo, vê-se devorado pela mesma ambição a qual sucumbiram os demais. De forma que, o narrador vai dando pistas e aproveitando

as mínimas chances para conduzir o leitor à visão crítica das atrocidades cometidas no interior da selva africana, como se pode observar em - "Eu estava com o pensamento em tempos imemoriais, quando os romanos estiveram neste lugar, há mil e novecentos anos... como se fosse ontem..." e ainda, remete-nos a um incursão na história que traz à tona o processo civilizatório brutal desde colonização pelo império romano, nas conquistas pela cruz e pela espada, a exemplo do seguinte fragmento:

O ser sobrenatural. A aldeia estava deserta, as choças estavam enegrecidas e escancaradas. Uma calamidade de fato se abatera sobre o lugar. Um medo louco havia dispersado, homens, mulheres e crianças correram através dos arbustos e jamais retornaram. Também não sei o que foi feito das galinhas. De qualquer modo, acredito que foram sacrificadas pela causa do progresso. (CONRAD, 2006, p.31).

Outra marca das ideias anticolonialistas encontradas nesta magistral novela aparece com a afirmação de Charlie Marlow de que os colonialistas vivem de explorar os mais fracos, onde se pode perceber, quem sabe, uma mão oculta do autor, considerando contra a lei da civilização europeia, a natureza predatória e a selvageria instalada no interior da floresta africana.

Eram conquistadores, e para esse fim tudo o que se deseja é a força bruta - nada de que se possa gabar quando se tem, já que sua força é apenas um acidente que resulta da fraqueza dos outros. Tomavam aquilo que estava ao seu alcance, simplesmente porque estava ali ao seu alcance. Resumia-se em roubo com uso de violência, agravado por assassinato em larga escala e levado a termo às cegas pelos homens - como sói acontecer com aqueles que tateiam na escuridão. (CONRAD, 2006, p.27).

Há que se reportar ao contexto de *O Coração das Trevas*, considerando que o século XIX fora assinalado pela expansão imperialista de determinadas regiões da Europa rumo a novos territórios, com vistas à exploração e à ampliação das fronteiras, a fim de que suas próprias riquezas tivessem espaço para acenderem. Nesse processo em que se propagava a genealogia do mito da escuridão, longo período no qual, diversas ações imperialistas tiraram a vida de milhões de pessoas. Ocasão em que o rei da Bélgica Leopoldo II, literalmente apossou-se do Congo e o transformou em sua propriedade pessoal, única colônia pessoal do mundo, a qual ele chamou de estado livre do Congo, levando a um grande derramamento de sangue no país, que ficou conhecido como o *Holocausto Negro*, tendo como razão principal a extração do

marfim, considerado o "ouro branco" da época. "Como é que o marfim percorreu esse longo caminho?" (CONRAD, 2006, p.60).

Nesta conjuntura é imprescindível não perder de vista o discurso europeu universalizante da época, no qual a visão europeia tinha a colonização como uma ação nobre em sua essência, bem como os europeus julgavam-se destinados a dominar outros povos. Afinal, está a era de Charles Darwin e de sua mal interpretada Teoria da Evolução. A ideia da evolução havia gerado o temor de seu oposto, a degeneração, existia o receio de que a humanidade evoluísse, mas no aspecto adverso, como se a civilização fosse frágil, que poderia não dar certo, arruinar-se, corromper-se, na visão de alguns intelectuais daquele tempo.

Há, portanto, na narrativa um discurso artisticamente constituído com a intenção de difundir luz à ação civilizatória/exploratória vivenciada pelo narrador protagonista, Charlie Marlow. Entretanto, o que se observa é um texto carregado de ramificações discursivas entre o imaginário colonizador e o real colonizado. Deste modo, explicando certa rejeição ou estranhamento causado, quando da publicação da obra, que pode ser facilmente contraposto com o discurso a seguir:

Havia muita bobagem desse tipo circulando na imprensa e nas conversas daquela época, e a excelente mulher, vivendo bem no centro dessa mistificação, deixou-se envolver. Ela falava sobre 'arrancar aqueles milhões de ignorantes de seus horríveis costumes', até que, dou-lhes minha palavra, me fez sentir bastante desconfortável. (CONRAD, 2006, p.34).

Um dos níveis do discurso e da comunicação da novela reside no fato de que Marlow não pertence a uma classe específica, pode descrever as histórias de distintas pessoas com coerente facilidade, pois o protagonista não representa a sua categoria, é um homem do mar, porém um peregrino. E suas lembranças têm uma característica nebulosa e onírica, possibilitando uma interpretação de que a narrativa é um exame do espírito humano, não perdendo de vista que o marinheiro naturalizado inglês é produto da sociedade que fora educado, o que não será assunto esgotado neste estudo. Sendo, mais uma marca da discordância do narrador conradiano dos métodos de apropriação de Kurtz e de outros colonizadores, constatada no seguinte diálogo: "É estranho o que certas pessoas são capazes de fazer por uns poucos francos por

mês. Fico imaginando o que ocorre com esses tipos quando eles sobem o rio." (CONRAD, 2006, p.37).

Quando Roland Barthes aborda o poder como objeto, exemplarmente, político, bem como objeto político ideológico que está presente em todos os lugares, ou seja, é uno. "Está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social.", o que ele denominou "discurso do poder: o discurso da arrogância, discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe." Neste sentido, combater o poder é tarefa difícil, "pois, plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas." (BARTHES, 1996, p.11-12).

Assevera, ainda que, "Nenhuma linguagem está isenta de ideologia." Alusão pertinente no caso de *O Coração das Trevas*, analisando que a obra reflete bem o choque entre os colonizados e os colonizadores, evidenciando, claramente, os simplesmente selvagens e os verdadeiramente maus, bem como as marcas indeléveis da dominação europeia, sobre aqueles que detinham, apenas, a terra como tesouro, e tiveram suas vidas ceifadas pela pesada mão do poder e da arrogância daqueles que, em nome da lei e da fé, dizimaram tantos povos e tomaram tantas terras. "... um sujeito pestilento abocanhando o marfim dos nativos" (CONRAD, 2006, p.60).

Eni Orlandi diz que: "Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa, nas palavras do sujeito (...) o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia." (ORLANDI, 2005, p. 38).

O narrador conradiano conduz o leitor a sua nefasta viagem à África, em que algo inerente em todo fio narrativo, ainda aquele destinado ao traço do alheio mundo em que o personagem se embrenha é a escuridão e/ou isolamento dominante no universo selvagem encontrado pelo indivíduo civilizado. A descrição que Charlie Marlow faz das implicações psicológicas que essa terra intocada pela mão do homem tem sobre a ideia daqueles que a visitam, a usurpam e a colonizam, como perversões intermináveis que penetram no constituído mundo ocidental presente no pensamento daqueles que frequentam esse lugar inóspito.

O canibalismo, prática muito contada pelos ocidentais, no decurso das Grandes Navegações e descobertas marítimas, nos séculos XV e XVI, que ao contatarem com os nativos de distintas culturas, na África e América principalmente, os europeus ficavam assustados com o método. Também, um dos elementos do discurso do narrador protagonista arremete-nos a refletir sobre o mito do canibalismo infligido aos povos africanos, temido e propagado pelos europeus, os quais rotulavam culturas oprimidas de canibais, de forma a utilizar o canibalismo como instrumento de conquista e exclusão, legitimando a extinção de povos e raças, haja vista ser conceituado como canibal aquele indivíduo atemorizante e que habita além dos limites do comportamento humano. De maneira que, o temido conceito de canibalismo torna-se uma ferramenta fácil na exploração de outras culturas e, no contexto da colonização, justifica o assassinato e a posse de terras. Aliando ao pensamento que, em diversos lugares do mundo, como a África, civilizações classificadas como canibais pelos colonizadores enfrentaram um quase ou total aniquilamento. Assim, percebemos que o canibalismo também causa um senso de exclusão. Fator preponderante no romance que corrobora e aponta para um discurso anticolonialista e/ou anti-imperialista, ao se observar algumas falas de Charlie Marlow, que não manifesta incompreensão no fato de o branco não poder ser comido, conforme exemplificação abaixo:

Nenhum medo pode suportar a fome. Nenhuma paciência pode saciá-la, o nojo simplesmente não coexiste com a fome; e quanto à superstição, crenças, e aquilo que você pode chamar de princípios são menos do que farelo soprado pelo vento. Vocês conhecem a crueldade de uma fome prolongada, o seu tormento exasperante, seus pensamentos obscuros, a ferocidade sombria que ela gera? Bem, eu conheço. Um homem necessita de toda a sua força inata para lutar propriamente contra a fome. É realmente mais fácil enfrentar com bravura a desonra e a perdição da própria alma do que esse tipo de fome prolongada. Triste, mas verdadeiro. (CONRAD, 2006, p. 72-73).

A aplicação do título no romance remete a certa ambiguidade, tendo em vista que Trevas é um termo hipotético, por seu caráter plurissignificativo, em que no contexto dos mapas, os pontos em que há trevas são pintados de amarelo, logo foram marcados por colonizadores e exploradores, ressaltando seu sentido tradicional de maligno e aterrador. No mapa, os espaços que se encontram vazios e destituídos de

interferências externas são, aparentemente, os mais cobiçados. Assim, o fato de Marlow aplicar o conceito trevas às regiões conquistadas, novamente, sugere sua visão negativa sobre o colonialismo:

Mesa de negociações ao centro, cadeiras simples encostadas em todas as paredes, e, numa das extremidades, um grande e brilhante mapa assinalado com todas as cores do arco-íris. Havia uma grande quantidade de vermelho – bom de se ver a todo instante, pois era a evidência de que algum trabalho real está sendo realizado ali, e uma porção igual de azul, um pouco de verde, manchas alaranjadas, e, na Costa Leste, um remendo púrpura (...) Entretanto eu não estava indo para nenhum desses lugares. Meu destino era o ponto amarelo. Morto, bem ao centro. (CONRAD, 2006, p. 31-32).

Mais uma marca da discordância do narrador conradiano dos métodos de apropriação de Kurtz e de outros colonizadores, pode ser constatada no seguinte diálogo: "É estranho o que certas pessoas são capazes de fazer por uns poucos francos por mês. Fico imaginando o que ocorre com esses tipos quando eles sobem o rio." (CONRAD, 2006, p. 37).

A descrição do personagem Kurtz, ora apresentado como um prodígio, um emissário da bondade e da ciência, ora uma figura sinistra, grande enigma de toda a narrativa. "Era eloquente, vibrava com eloquência, mas complexo, penso." (CONRAD, 2006, p.82), razão da odisseia de Marlow ao coração da floresta; considerado por muitos como "o demônio da floresta", é, talvez, o personagem com o caráter mais forte do romance. De fato, Marlow e o leitor não conseguem traçar um perfil de Kurtz, o conhecem, e na verdade não o conhecem realmente. "...Quem não se tornaria seu amigo, uma vez que o ouvisse falar?", dizia ela. 'Ele despertava nas pessoas aquilo que elas tinham de melhor. Olhava para mim com intensidade. 'Esse é o dom dos grandes homens'. (CONRAD, 2006, p.114).

Nota-se que o autor universaliza a escuridão que pulsa no coração africano, tendo Kurtz como cerne irradiador, demonstrando que o modo de vida e a selva o derrotaram, pois Marlow conta que Kurtz havia declarado uma sentença sobre as aventuras de sua alma na terra. Diz que ele perdeu a identidade, foi capaz de dar as costas às suas origens, virou um ser especial, tornando-se, essencialmente, um nativo, o que desperta o fascínio de Marlow por Kurtz. Assim, onde está Kurtz a comunicação é incompleta. Percebe-se um desafio estabelecido ao leitor, vez que o

personagem em discussão não é diretamente descrito, a narrativa fornece várias pistas que necessitam ser reunidas para a compreensão dessa figura dramática. O protagonista conclui que Kurtz era vazio por dentro e necessitava de algo para preencher o vazio, como se pode constatar neste diálogo de Marlow: "Eu fui um pouco mais longe, ainda. Eu tinha ido tão longe que não sabia se poderia retornar algum dia." (CONRAD, 2006) Ao chegar ao fim da sua existência, depois de ter tido uma espantosa cobiça pelo marfim, constata que não mais teria algum proveito dele, apercebe-se de tudo quanto fizera contra o seu semelhante, contra o outro indefeso, sem probabilidade de fuga, diante do domínio imperioso do colonialismo e declara "O horror, o horror!" (CONRAD, 2006, p. 107).

Deste modo, "O horror! O horror!", frase enigmática, pronunciada por Kurtz em seu leito de morte, que se tornou um dos mais famosos enigmas da literatura, em que reporta a Marlow a alusão de que o conflito e o sofrimento de Kurtz seriam, por conseguinte, implicações de suas ações sobre seu próprio modo de viver a vida, um julgamento pelas atrocidades praticadas no interior da selva africana, insurgindo, assim, sua sentença de morte. Nesta vertente, o horror acena tratar-se do horror do imperialismo, da destruição do caráter moral. Pode ter sido a honestidade de ver, no momento final, quem ele teria sido, perceber o que ela havia feito; pode ser a hipocrisia, ou ainda ele queria olhar na escuridão para enxergar a verdade. Kurtz seria, então, a metáfora dessa decadência humana.

É pertinente trazer à baila a afirmação de Frantz, psiquiatra, escritor e ensaísta antilhano de ascendência africana. Influente pensador do século XX, relacionado aos temas da descolonização e à psicopatologia da colonização, em *Os Condenados da Terra*, de que "é o colonizador quem tem feito e continua a fazer o colonizado. O colonizador tira sua verdade, isto é, seus bens, do sistema colonial." (FANON, 1979, p.12) Tal antagonismo é marcado pelo racismo contra o colonizado, tido como apático, impetuoso e selvagem. O colonizado introjeta a dominação vivendo um complexo em que passa a negar sua negritude, com a pretensão de tornar-se um "negro-branco". Assim, escreve Fanon:

Todo povo colonizado, isto é, todo povo no seio do qual nasce um complexo de inferioridade, de colocar no túmulo a originalidade cultural local - se situa frente-a-frente à linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. O colonizado se fará tanto mais evadido de sua terra quanto mais ele terá feito seus os valores

culturais da metrópole. Ele será, tanto mais branco quanto mais tiver rejeitado sua negrura... (FANON, 1979, p. 12).

O pensamento de Fanon, na obra em menção, não fora apenas apreciável e impactante, como também corroborou com os ideais de transformação e construção de uma sociedade melhor para o povo argelino e em toda a África, revelando para a massa colonizada, quem lhes feria a pele e a alma e lhes negava o ser. Sendo que, o colonizado, ao passo que compreendia a força de negação de seu ser, deflagrava-se em fúria. Percebia que o trabalho do colono é tornar impraticável até suas aspirações de liberdade. Então, ele descobre o real, que dá vivacidade a sua práxis, no seu projeto de libertação. Em *O Coração das Trevas*, observa-se que essa ação adversa entre opressor e oprimido é recorrente, onde o narrador protagonista não só alude ao caráter destruidor do processo civilizatório, como permite uma reflexão sobre suas implicações na alma humana.

Considerações Finais

Como se pode observar no transcorrer desta análise, *O Coração das Trevas* enseja grande conflito quanto às interpretações, considerando que em sua fortuna, acredita-se que seja uma ambiguidade proposital. Há brechas para decodificações que oscilam desde a condenação do colonialismo imperialista até introspecções psicológicas intensas. Assim, as trevas seriam os desmandos dos civilizados, a barbárie, os demônios internos que residem no nosso âmago, a fronteira que afasta a sanidade da insanidade, o terreno ignoto inerente ao nosso ser e que, de tal maneira nos espanta?

O que está posto na novela em questão é que essas duas pressuposições não são negativas uma da outra, ou mesmo elucidações categóricas, porém são enfoques díspares de uma mesma desordem, que dá consente lastreio suficiente tanto para uma quanto para a outra.

A impressão causada pela leitura do romance é de um mergulho num lamaceiro, que desequilibra e desperta o desejo de conhecer mais sobre a história na própria medida em que anseia afastar-se da atmosfera sufocante da obra. De forma que, a jornada de Marlow transcende à mera viagem a um continente mesmo envolto em uma névoa enigmática para

os europeus da época, é alguma coisa mais nobre, contudo, não menos bárbaro, que suplanta a materialidade e penetra no domínio da alma, das percepções.

Esteticamente, a narrativa é construída numa perspectiva de desconstrução do imaginário europeu, situando a ação de Charlie Marlow num cenário oriental, por meio de uma linguagem um pouco sórdida, com vistas a seduzir o leitor, cria um romance exótico, uma prosa quase hipnótica, em que o uso de metáforas intenta enfatizar a escrita, o preciosismo do discurso, utilizando palavras pertencentes ao vocabulário, apenas, de pessoas muito eruditas, no qual a África é nada mais do que a alma humana, evidenciando uma repreensão ao comportamento dos colonizadores, de certa forma, chamando a atenção para a barbárie que acontecia no coração da selva.

O *Coração das trevas* leva-nos a ponderar até que ponto o imperialismo foi uma missão civilizatória e até que ponto os seres humanos podem permanecer sãos. Nesta reflexão, percebe-se que as trevas no meio ambiente levavam às trevas da corrupção social e finalmente às trevas do coração. Assim, o que seria O Coração das Trevas? A ação imperialista? O interior da África equatorial? Todavia, o romance apresenta uma das visões mais sombrias da natureza humana, ao deixar evidente sua dura crítica às ações colonialistas, assinalando uma denúncia contra a exploração imperialista no continente africano.

Ademais, esta viagem ao romance, além de possibilitar uma discussão que aponta para uma revelação anticolonialista na narrativa, sugere e alerta para a necessidade de mudança de visão, no que diz respeito às diferentes culturas. Então, deparamo-nos com um narrador que, ainda que no início da narração, convoca o leitor a uma tomada de posição e/ou reflexão, habilmente dizendo que "E quando eles retornam também? Perguntei, 'Oh, nunca os vejo' ressaltou; 'e as mudanças ocorrem no interior, você sabe'". (CONRAD, 2006, p.33).

Referências

ACHEBE, Chinua. **An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'**. Massachusetts Review. 18. 1977. pp. 251-261. Disponível em: <http://kirbyk.net/hod/image.of.africa.html>

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés, 8.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.



BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, Arte e Política.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **Escritos Sobre Mito e Linguagem.** Tradução Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

BONEZ, Lucas de Melo. **A Aventura Mítica em a Canção dos Nibelungos e em O Senhor dos Anéis: Aproximações e Distanciamentos do Mito Antigo do Mito Contemporâneo.** Ed. Independente. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

BRICOUT, B. Prefácio. In: _____. **O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente.** Tradução Leila Oliveira Benoit. São Paulo: Companhia das Letras. 2003. 13-20. p.

CAMPBELL, J.& MOYERS, B. **O poder do mito.** Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CONRAD, Joseph. **O Coração das Trevas.** Tradução Luciano Alves Meira, São Paulo: Martin Claret, 2006.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 6. ed. Campinas - SP: Pontes, 2005.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.